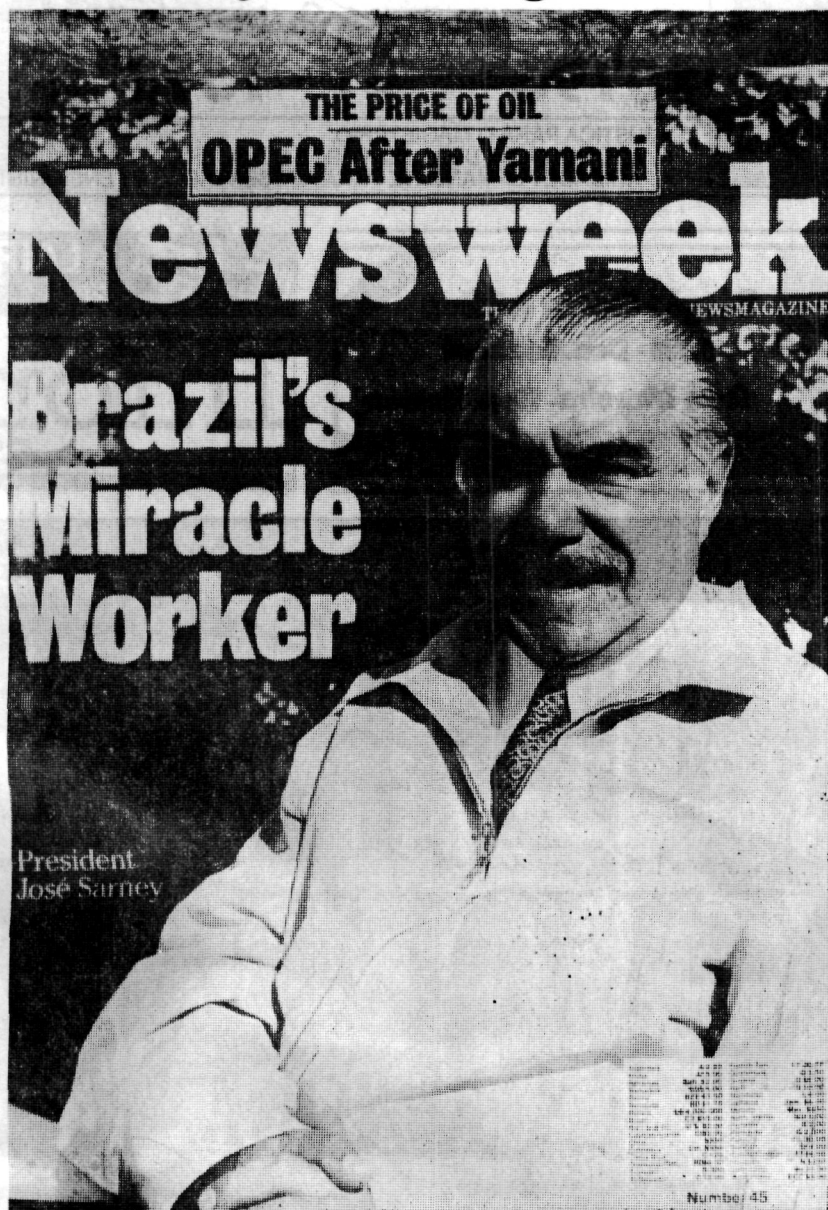


Sarney

Revista acredita que no Brasil de hoje milagres são possíveis



A edição internacional da revista **Newsweek** que está nas bancas tem na capa uma fotografia do presidente José Sarney ao lado do título "Operário do milagre brasileiro" e publica oito páginas sobre "O gigante desperta", em que proclama que "no Brasil renascido os milagres não parecem mais fora de alcance". Cópias da reportagem foram distribuídas pelo Palácio do Planalto.

Além de uma reportagem sobre o Brasil atual, quando retoma o termo **Belíndia** — cunhado pelo economista Edmar Bacha (atual presidente do IBGE) para apelidar um país onde a "moderna, industrializada e próspera Bélgica é cercada por uma ampla Índia de atraso e desejos" —, **Newsweek** publica um perfil do presidente e duas páginas em que apresenta "as quatro faces do Brasil".

Ilustrada com fotografias mostrando "Sarney em campanha em São Paulo", uma criança de braços abertos, como um novo Cristo sobre o Rio de Janeiro, a linha de montagem da fábrica Goodyear de pneus, também em São Paulo, duas crianças "numa sala de aulas multi-racial", e operários da Itaipu Binacional, a reportagem aponta os problemas brasileiros e suas soluções à brasileira, fala da popularidade do presidente e do Plano Cruzado.

Sem mencionar uma só vez o nome dos partidos — o PDS é chamado apenas de "partido militar", quando a revista explica que Sarney era um de seus dissidentes que entrou na cédula "porque representava facções que dariam a maioria no Colégio Eleitoral" —, **Newsweek** não se preocupa em divulgar a qual partido agora pertence Sarney ou o político Goro Hama (PMDB), embora tenha tomado este como exemplo do imigrante bem sucedido em terras brasileiras.

Em entrevista à correspondente Alma Guillermo Prieto, Sarney comenta que estava "falando demais" e revela que na véspera da posse foi flagrado por dona Marly "deitado na cama, de costas, perdido em seus pensamentos". Preocupada, ela indagou se estava doente, ouvindo como resposta: "Não, estou praticando para ser vice-presidente".

Classificado pela repórter como "despretençioso", dado a pequenas brincadeiras", é também chamado de "um pragmático que rompeu com os militares após 20 anos, quando lhe pareceu que se estava às portas da convulsão social". A revista não esquece que Sarney é o presidente com o mais alto índice de popularidade (80%) e termina o perfil reproduzindo suas palavras sobre democracia:

"Na América Latina, temos que demonstrar que democracia não é retórica política, mas apenas um regime."

Nas demais páginas em que procura traçar um perfil do Brasil, **Newsweek** aponta as questões econômicas, o ágio, a questão agrária e a atuação da Igreja, o recém-consumismo dos "fiscais de Sarney", beneficiados pelo aumento de 8% em seus salários, sem mencionar a especulação financeira que antecedeu a decisão sobre o Cruzado nem a ameaça das multinacionais de diminuir os investimentos no país.

Volta a citar Sarney quando este diz que "sem crescimento econômico não há salvação" e o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, lembrando que "nos últimos cinco anos o Brasil pagou 45 bilhões de dólares de serviço da dívida e recebeu de volta apenas 10 bilhões".

Os quatro brasileiros escolhidos por **Newsweek** para representar toda a população são um candango de Brasília, hoje servidor público aposentado, o candidato à Constituinte Goro Hama, uma lavadeira em Salvador, cujo filho mais velho quer ser operário para ganhar salário, e um industrial italo-paranaense de Curitiba, erradamente localizada pela revista nos pampas.

EUA acham que eleição reforça conservadores

Roberto Garcia
Correspondente

Washington — As eleições de 15 de novembro no Brasil deverão produzir um Congresso e uma safra de governadores mais conservadores que os atuais, afirmam análises dos órgãos de informação do governo dos Estados Unidos.

A conclusão dos analistas americanos ajuda a dissipar temores de alguns setores do governo Reagan de que o advento de um regime civil no Brasil propiciasse o surgimento de uma geração de líderes esquerdistas com grande apoio popular. Em vez disso, campanhas eleitorais menos inibidas parecem estar neutralizando setores radicais da esquerda, que têm precisado adotar posições pragmáticas para conviver democraticamente com outras forças políticas majoritárias.

Num relatório recente, a embaixada americana em Brasília menciona, divertida, como grupos políticos de claras origens esquerdistas passaram a "dormir na mesma cama" com os que serviram fielmente uma sucessão de governos presididos por militares. Com a erosão de suas características ideológicas, esses grupos parecem destinados a reforçar o centro.

O mesmo relatório mostra surpresa com o preço das campanhas eleitorais, que, em alguns casos, equipara-se ao das americanas. Em São Paulo, por exemplo, segundo esses cálculos americanos, cada um dos candidatos ao go-

verno do estado deverá gastar cerca de 25 milhões de dólares. Isso tornaria a campanha paulista até mais cara que a da Califórnia. O agravante é que, nos Estados Unidos, grande parte das despesas das campanhas vai para pagar anúncios de televisão. No Brasil, os candidatos beneficiam-se do tempo gratuito nesses órgãos de comunicação, diz um funcionário americano.

Os analistas americanos não esperam grandes mudanças na política externa brasileira em decorrência das eleições. O Itamarati é bastante estável e a troca de regime não mudou substancialmente suas posições. Eleições para o legislativo também não deverão afetá-lo, disse um analista.

Mas diplomatas americanos esperam que, depois das eleições, surja um clima mais produtivo para suas negociações a respeito dos temas que têm causado maiores tensões entre Brasília e Washington, especialmente na área de comércio e investimentos. Eles explicam que, em qualquer país, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, negociadores temem até discutir problemas em períodos eleitorais, com medo de que suas palavras vazem para a imprensa. Mesmo acomodações mutuamente benéficas e concessões retóricas passam a ser vistas como uma traição à pátria, viram tema de campanha e enrijecem as posições dos respectivos governos. Terminada a campanha, contudo, volta um clima mais propício para um entendimento, conclui o diplomata.